

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS

IANNATH ROSA DOS SANTOS

**A VOZ DO SERTÃO: AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS COMO
INSTRUMENTO DE IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NA OBRA DE PATATIVA
DO ASSARÉ.**

GOIÂNIA
2026/1

IANNATH ROSA DOS SANTOS

**A VOZ DO SERTÃO: AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS COMO
INSTRUMENTO DE IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NA OBRA DE PATATIVA
DO ASSARÉ.**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Orientadora: Prof^a. M^a. Helen Suely Silva Amorim

GOIÂNIA

2026/1

**A VOZ DO SERTÃO: AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS COMO
INSTRUMENTO DE IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NA OBRA DE PATATIVA
DO ASSARÉ.**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Orientador/a: Profª Mª Helen Suely Silva Amorim

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora

Profa. Ma. Helen Suely Silva Amorim
Orientadora - PUC Goiás

Profa. Ma. Maria Alvina Ferreira de Moura
Leitora - PUC Goiás

Reservo, neste texto, um agradecimento e uma dedicatória especial à minha mãe, Roberta Rosa do Carmo Santos. Apesar de não possuir uma graduação, minha mãe sempre reconheceu a importância dos estudos e, principalmente, do ensino superior. Muitas vezes, não apenas com palavras, mas também com recursos, ela me apoiou para que esta jornada continuasse. O meu nascimento não planejado fez com que meus pais sacrificassem muitos sonhos, especialmente minha mãe, que, além disso, foi duramente criticada na época, com palavras que ainda hoje vagamente magoam. Esta formação não é apenas por mim, é por nós. Para que, todas as vezes em que minha mãe olhar para o meu diploma, ela lembre-se de que essas palavras e rótulos não nos servem e nem nos definem. Para que ela nunca se esqueça de que tudo valeu a pena e de que nós não apenas vencemos, mas quebramos ciclos e encerramos uma maldição hereditária.

O maior incentivo para chegar até aqui foi poder dizer: é por você e para você.

AGRADECIMENTOS

Em Eclesiastes 7:8 está escrito: “Melhor é o fim das coisas do que o princípio”. Agradeço a Deus pela força de iniciar esta jornada e pelo privilégio de poder concluí-la.

Agradeço também à minha família – meu pai, minha mãe, meu irmão. Minha família é meu abrigo e minha fortaleza, e, sem toda a energia e o amor que recebo deles, esse desafio seria, no mínimo, impossível.

Agradeço à minha avó, Maria Inalda da Silva Santos, minha maior referência de docência, a mulher que inspirou a minha escolha acadêmica e foi o meu maior exemplo de superação, independência e empoderamento.

Agradeço ao meu noivo, que me apoiou, compreendeu e aplaudiu durante todo esse percurso. Sua presença, nesta etapa final, foi refrigerio e acalento.

Agradeço, ainda, a todos os docentes e funcionários da PUC Goiás que contribuíram, direta e indiretamente, para que esta formação se tornasse realidade. Em especial, agradeço à Prof.^a Helen Amorim, que foi minha coordenadora, professora e orientadora. Todas as vezes em que ousei pensar em desistir, suas palavras foram força, incentivo e ânimo para a continuidade deste percurso. Seus ensinamentos e apoio me mantiveram de pé e confiante, mesmo em dias turbulentos e difíceis. Encerro este ciclo com a certeza de que ter professores como a Helen não é apenas sorte, mas um privilégio.

Também agradeço à Prof.^a Maria Alvina, leitora deste trabalho, por ter aceitado nosso convite, sabemos que sua competência e contribuição certamente o enriquecerão ainda mais.

“A vida da palavra está na passagem
de boca em boca, de um contexto
para outro, de um grupo social para
outro, de uma geração para outra.”

(Bakhtin)

“Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima completa,
Não precisa professo;
Basta vê no mês de maio,
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô.”

(Patativa do Assaré)

RESUMO

O presente trabalho analisa a variação linguística na obra do poeta cearense Patativa do Assaré, com foco no gênero textual cordel. Fundamentado nos pressupostos da Sociolinguística e nos estudos de gêneros textuais, a pesquisa investiga como as variações diatópica (regional), diastrática (social) e diafásica (estilística) se manifestam na poesia patativana. A partir da análise dos poemas “O Meu Livro”, “Doutor Raiz”, “A Triste Partida”, “Cante Lá, Que Eu Canto Ca”, e “ABC do Nordeste Flagelado”, o estudo demonstra que a escolha pela oralidade e pelo léxico sertanejo ultrapassa o mero recurso estilístico, configurando-se como uma postura política de resistência cultural e afirmação da identidade nordestina. Patativa do Assaré eleva a fala popular ao *status* de arte, combatendo o preconceito linguístico e legitimando os saberes, as dores e as vivências do homem do campo no espaço literário.

Palavras-chave: Variação Linguística. Literatura de Cordel. Patativa do Assaré. Identidade Nordestina. Preconceito Linguístico.

ABSTRACT

This study analyzes linguistic variation in the work of the poet Patativa do Assaré, with a focus on the cordel literary genre. Grounded in the principles of Sociolinguistics and studies on textual genres, the research investigates how diatopic (regional), diastratic (social), and diaphasic (stylistic) variations are expressed in Patativa's poetry. Through the analysis of the poems *O Meu Livro*, *Doutor Raiz*, *A Triste Partida*, *Cante Lá*, *Que Eu Canto Cá*, and *ABC do Nordeste Flagelado*, the study demonstrates that the use of orality and regional vocabulary goes beyond a mere stylistic device, constituting a political stance of cultural resistance and affirmation of Northeastern Brazilian identity. Patativa do Assaré elevates popular speech to the status of art, challenging linguistic prejudice and legitimizing the knowledge, struggles, and lived experiences of rural people within the literary sphere.

KEYWORDS: Linguistic Variation. Cordel Literature. Patativa do Assaré. Northeastern Identity. Linguistic Prejudice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	12
1. GÊNEROS TEXTUAIS, LÍNGUA E VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS	12
1.1 Variação Diatópica (Regional ou Geográfica)	14
1.2 Variação Diastrática (Social)	17
1.3 Variação Diafásica (Estilística)	19
CAPÍTULO II	22
2. O GÊNERO LITERÁRIO CORDEL E A POÉTICA DE PATATIVA DO ASSARÉ	22
2.1 Contexto histórico, cultural e literário de Patativa do Assaré	23
2.2 A poesia social e regional de Patativa do Assaré	27
CAPÍTULO III	32
3. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA OBRA DE PATATIVA DO ASSARÉ	32
3.1 Recursos linguísticos e expressões regionais	32
3.2 A identidade nordestina e a variação linguística	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

A língua é um fenômeno social, histórico e cultural vivo, que se transforma e se adapta às necessidades de seus falantes. Longe de ser um sistema rígido e imutável, ela abriga múltiplas formas de expressão que refletem a diversidade geográfica, social e estilística de um povo. No entanto, as variedades linguísticas que se distanciam da norma-padrão, particularmente aquelas associadas às populações populares e rurais, foram historicamente desvalorizadas e marcadas pelo preconceito linguístico.

Nesse contexto, a literatura de cordel desponta não apenas como um gênero textual de forte apelo popular, mas como um espaço vital de resistência e preservação da memória coletiva. É nesse cenário que se destaca a figura de Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré. Poeta de origem camponesa, Patativa transformou a experiência do sertão cearense em matéria literária, utilizando a própria fala do povo como instrumento de denúncia social e afirmação identitária.

O presente trabalho tem como objetivo analisar como a variação linguística contribui para a construção da identidade nordestina e para a valorização da fala popular na obra de Patativa do Assaré. Para isso, a pesquisa busca desconstruir a ideia de que o falar sertanejo seja um "erro", evidenciando-o como uma escolha estética e política consciente que legitima a voz de grupos historicamente marginalizados.

Para alcançar esses objetivos, o trabalho está estruturado em três capítulos principais: Capítulo I: Aborda os conceitos fundamentais de gêneros textuais e explora as dimensões da língua e das variações linguísticas (diatópica, diastrática e diafásica) sob a ótica da Sociolinguística, destacando a importância do combate ao preconceito linguístico. Capítulo II: Contextualiza o cordel como prática social e literária, apresentando a trajetória de Patativa do Assaré e a profunda relação de sua poética com a oralidade, a cultura sertaneja e a crítica social. Capítulo III: Apresenta a análise dos poemas "O Meu Livro", "Doutor Raiz", "A Triste Partida", "Cante Lá, Que Eu Canto Ca" e "ABC do Nordeste

Flagelado”, evidenciando como os recursos linguísticos e as expressões regionais contribuem para a construção da identidade nordestina e convertem as experiências de sofrimento, resistência e esperança do povo sertanejo em expressão artística de alcance universal.

CAPÍTULO I

1. GÊNEROS TEXTUAIS, LÍNGUA E VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Os gêneros textuais correspondem às diferentes formas de organização dos textos que circulam socialmente, sendo definidos de acordo com sua função comunicativa, estrutura e contexto de uso. Conforme destaca Marcuschi (2008), os gêneros são práticas sociais que surgem das necessidades de interação humana, estando presentes em situações cotidianas como conversas, notícias, poemas, cartas, entre outros.

Cada gênero possui características próprias que orientam sua produção e interpretação, como linguagem, finalidade, público-alvo e forma de circulação. Nesse sentido, o domínio dos gêneros textuais permite que o indivíduo participe de diferentes esferas sociais de maneira eficaz, adequando sua linguagem às exigências de cada contexto.

No campo da literatura, o cordel se configura como um gênero textual que combina oralidade, ritmo e crítica social, sendo amplamente difundido na cultura nordestina. A sua estrutura simples e linguagem acessível favorecem a aproximação com o público, tornando-o um importante instrumento de comunicação e expressão cultural.

Dessa forma, compreender os gêneros textuais é fundamental para analisar a produção de Patativa do Assaré, uma vez que sua obra se insere no gênero cordel, no qual a linguagem popular e a variação linguística desempenham papel central na construção de sentidos.

Nesse contexto, torna-se igualmente importante refletir sobre a própria concepção de língua, já que é por meio dela que os gêneros se concretizam e circulam socialmente. A língua pode ser compreendida como um sistema organizado de signos que possibilita a comunicação entre os indivíduos de uma comunidade. Mais do que um conjunto de regras gramaticais, ela se constitui como um fenômeno social, histórico e cultural, que se transforma conforme as necessidades dos seus falantes. Nesse sentido, a língua não é estática, mas

dinâmica, acompanhando as mudanças da sociedade ao longo do tempo.

De acordo com os estudos da Sociolinguística, especialmente a partir das contribuições de William Labov¹, a língua deve ser analisada em uso, considerando os contextos reais de interação. Assim, diferentes formas de falar não representam desvios ou erros, mas variações legítimas que refletem fatores sociais, culturais e regionais.

Essa perspectiva rompe com a visão tradicional que privilegia apenas a norma-padrão e permite compreender que todas as variedades linguísticas possuem regras próprias e desempenham funções comunicativas eficientes. Dessa forma, a língua deve ser entendida como um espaço de construção de identidade, interação social e expressão cultural.

Sob essa ótica, as variações linguísticas passam a ser compreendidas como manifestações legítimas da diversidade presente nas práticas sociais de linguagem. São fenômenos naturais que demonstram que a língua é um sistema vivo e dinâmico. Na linguística moderna, a partir dos estudos de Labov (Sociolinguística Variacionista), entende-se que as variações não são erros, mas formas diferentes de expressar o mesmo sentido em contextos distintos.

As variações linguísticas podem ser compreendidas a partir de diferentes dimensões, que evidenciam a diversidade e a dinamicidade da língua em seus múltiplos usos sociais. Entre as principais classificações, destacam-se quatro tipos fundamentais: a variação diatópica, relacionada às diferenças linguísticas decorrentes da localização geográfica dos falantes, frequentemente associada aos regionalismos e dialetos; a variação diastrática, vinculada aos grupos sociais e às diferentes camadas da sociedade; a variação diacrônica, correspondente às transformações que a língua sofre ao longo do tempo, perceptíveis em aspectos como grafia, fonética e semântica; e a variação diafásica, referente à capacidade do falante de adequar sua linguagem às diferentes situações comunicativas e aos contextos de interação.

¹ William Labov (nascimento em 4 de dezembro de 1927, Rutherford, Nova Jersey, EUA e falecimento em 17 de dezembro de 2024, Filadélfia, Pensilvânia) foi um linguista americano conhecido por seu trabalho pioneiro sobre variações regionais da linguagem. Labov foi fundamental no desenvolvimento da Sociolinguística.

Neste trabalho, vamos abordar as variações diatópica, diastrática e diafásica², buscando fundamentar a importância dessas variações linguísticas na produção de textos literários e na construção de sentidos. A escolha dessas três modalidades de variação justifica-se pelo fato de serem as mais recorrentes e expressivas na obra de Patativa do Assaré, especialmente em sua poesia de inspiração popular e oral. A variação diatópica manifesta-se por meio de marcas linguísticas características do falar nordestino; a diastrática evidencia aspectos relacionados ao grupo social e cultural representado pelo poeta e por seus personagens; e a diafásica revela as adequações da linguagem às diferentes situações comunicativas presentes nos textos. Embora a Sociolinguística reconheça outras formas de variação linguística, a delimitação deste estudo a essas três categorias decorre de sua relevância para a compreensão da linguagem poética patativana e de seu papel na valorização da cultura sertaneja.

A análise integrada desses fenômenos torna-se fundamental para a interpretação de obras como a literatura de cordel, em que a oralidade e os falares populares são elevados ao *status* de resistência cultural. Ao reconhecer a legitimidade dessas múltiplas formas de falar, este estudo contribui diretamente para o combate ao preconceito linguístico, desconstruindo a ideia de uma norma única e superior, e valorizando a diversidade como a verdadeira essência da identidade nacional.

1.1 Variação Diatópica (Regional ou Geográfica)

A variação linguística mostra que a língua acompanha a trajetória histórica e cultural do país, refletindo modos particulares de viver, interpretar o mundo e se relacionar. Segundo Tarallo (2005, p. 40), compreender a língua como fenômeno social exige reconhecer que cada grupo desenvolve formas próprias de expressão, moldadas pelo ambiente sociocultural e pelas condições geográficas em que se encontra.

A variação diatópica (do grego *diá* = através de; e *topos* = lugar), também

² Os termos *diastrática*, *diatópica* e *diafásica* pertencem aos estudos da Sociolinguística e da Dialetologia e foram propostos pelo linguista romeno Eugenio Coseriu, na década de 1950.

conhecida como variação regional ou geográfica, refere-se às diferenças linguísticas que surgem naturalmente entre falantes de uma mesma língua em decorrência da sua distribuição em diferentes espaços físicos. Esse fenômeno ocorre porque o isolamento geográfico ou a formação de comunidades distintas favorecem o desenvolvimento de particularidades na pronúncia, no vocabulário e até em estruturas sintáticas, consolidando identidades locais sem que se perca a unidade essencial do idioma. No Brasil, por exemplo, um mesmo objeto pode receber denominações diferentes conforme a região, como *mandioca*, *macaxeira* ou *aipim*; da mesma forma, observam-se variações na pronúncia, como o som do *r* em palavras como "porta" ou "carro", que se realiza de maneiras distintas entre falantes do Sul, do Sudeste e do Nordeste. Em textos de Patativa do Assaré, essas marcas regionais aparecem em formas como "muié" (mulher), "fio" (filho), "trabaiá" (trabalhar), paia (palha), mio (milho), evidenciando traços característicos do falar sertanejo cearense. Assim, a língua deixa de ser um bloco uniforme e passa a ser compreendida como um conjunto de falares que refletem a história, a cultura e as influências específicas de cada território.

Tal compreensão é essencial, pois evidencia que o português sertanejo não pode ser visto como erro, mas como uma adaptação linguística plenamente funcional e cheia de significados. É justamente essa riqueza que transforma o regionalismo em recurso artístico legítimo.

Bagno (2007) utiliza uma metáfora marcante para diferenciar a língua viva da gramática normativa, explicando que:

O idioma pode ser comparado a um grande rio em movimento constante, que avança livremente e renova suas águas a cada instante. A gramática normativa, por sua vez, lembra um igapó, onde a água permanece parada, envelhece com o tempo e só muda quando recebe novas correntes. Enquanto a língua acompanha o fluxo vivo e criativo de seus falantes, a gramática busca mantê-la dentro de limites rígidos (Bagno, 2007, p. 9).

A metáfora apresentada por Bagno contribui diretamente para a fundamentação deste estudo, pois mostra que a linguagem fortalece a expressão linguística dos falantes, convertendo a variação em recurso político e, por vezes, artístico.

Rocha e Corbani (2021, p. 10) observam que o preconceito linguístico se

manifesta quando variedades regionais são avaliadas como formas inferiores de expressão. Para as autoras, tal julgamento produz estigmatização e aprofunda desigualdades sociais ao atribuir a determinados grupos uma suposta falta de conhecimento. Ainda segundo a análise das autoras, cabe à escola romper com interpretações equivocadas e reconhecer a pluralidade linguística como componente cultural e social.

Paulista (2016, p. 169) explica que a variação linguística nasce do contato entre comunidades e das condições sociais que orientam suas práticas comunicativas. A autora ressalta que diferenças lexicais, fonológicas e sintáticas aparecem naturalmente de uma região para outra, refletindo influências culturais e ambientais. A diversidade observada no uso da língua evidencia sua sensibilidade ao modo de vida dos falantes e sua constante adaptação às necessidades comunicativas de cada grupo.

Compreender a variação regional, portanto, implica reconhecer as relações de poder que atravessam o uso da língua, entendendo que certos modos de falar são socialmente valorizados enquanto outros são marginalizados. Essa percepção amplia a consciência crítica sobre discursos normativos e incentiva uma postura mais inclusiva diante da diversidade linguística.

Bagno (2007, p. 27) argumenta que superar o preconceito linguístico exige reconhecer que, quando há comunicação eficiente, não existe erro, mas apenas diferença. A língua, sendo instrumento de interação social, não pode ser reduzida a regras fixas, pois vive nas práticas dos falantes e nas necessidades comunicativas de cada grupo.

Essa visão evidencia que a língua-padrão não é superior às variantes regionais, mas apenas uma das formas possíveis de expressão. Ao naturalizar essa multiplicidade, as variantes linguísticas nos permitem entender que a riqueza do português brasileiro está justamente na convivência e legitimação de suas diferentes vozes.

Paulista (2016, p. 170) afirma que nenhuma língua é homogênea e que a variação constitui um traço intrínseco a todos os sistemas linguísticos. A autora ressalta que as mudanças e diferenças presentes no português brasileiro evidenciam sua vitalidade e sua capacidade de adaptação às transformações sociais, culturais e históricas vivenciadas pelos falantes.

Ao reconhecer os falares regionais como parte natural da estrutura da língua, essa perspectiva rompe com a visão purista que insiste em um modelo idealizado de uso. Tal compreensão é essencial para a análise dos cordéis, pois mostra como a diversidade linguística funciona como expressão de identidade e de memória coletiva.

Rocha e Corbani (2021, p. 12) reforçam que a escola tem papel central na valorização das variedades regionais, devendo promover práticas pedagógicas que reconheçam a pluralidade linguística. Para as autoras, legitimar as vozes dos estudantes é um passo indispensável para romper estereótipos e construir uma educação comprometida com a diversidade sociocultural do país.

Essa postura pedagógica fortalece o respeito às diferenças e amplia a percepção de que a linguagem é também uma produção cultural. Nesse sentido, a variação regional contribui para formar sujeitos críticos, capazes de compreender a língua como espaço de identidade, resistência e expressão coletiva.

1.2 Variação Diastrática (Social)

A variação diastrática (do grego *diá* = através de; e do latim *stratum* = camada = estrato), também conhecida como social, mostra que fatores como condições econômicas, vivências culturais e trajetórias escolares têm impacto direto na forma como cada pessoa usa a língua. Tarallo (2005, p. 40) lembra que o funcionamento da língua está ligado às práticas sociais reais, pois ela acompanha os papéis e as posições que os falantes ocupam dentro de seus grupos. Essa perspectiva ajuda a entender que as variedades linguísticas se desenvolvem junto com a própria organização da sociedade, funcionando como marcas de identidade e de pertencimento.

A partir dessa perspectiva, fica claro que a linguagem não existe separada da vida social; ela acompanha movimentos de mobilidade, exclusão e construção de identidade. Por isso, o modo de falar de alguém revela muito mais do que escolhas linguísticas, reflete trajetórias pessoais, experiências acumuladas e contextos socioculturais específicos.

Bagno (2007, p. 15) ressalta que a variação social frequentemente é alvo de preconceito linguístico, já que as formas de fala associadas às camadas populares costumam ser vistas, de maneira equivocada, como sinal de pouca instrução ou de incapacidade intelectual. O autor critica esse vínculo entre norma culta e superioridade, lembrando que tal associação reforça e perpetua desigualdades dentro da estrutura social. Assim, o preconceito linguístico funciona como um recurso simbólico que legitima hierarquias históricas.

Quando a sociedade transforma diferenças naturais de fala em juízos de valor, instala-se uma prática discriminatória que atinge a autoestima dos falantes e repercute em suas oportunidades de participação social. Nesse cenário, a língua deixa de ser apenas instrumento de comunicação e passa a atuar como critério de exclusão, reforçando disparidades já existentes.

Segundo Rocha e Corbani (2021, p. 14), o domínio da norma padrão ainda é interpretado como requisito para reconhecimento social no Brasil, criando barreiras simbólicas para indivíduos das classes populares. As autoras destacam que a linguagem, nesse contexto, configura-se como um marcador de prestígio e de poder, reproduzindo desigualdades históricas. Assim, a variação social se converte em campo no qual são projetadas relações de força.

Paulista (2016, p. 157) observa que a heterogeneidade linguística surge do encontro entre falantes com experiências, níveis de escolaridade e práticas culturais distintas. Essas diferenças moldam a variação social, que aparece na pronúncia, no vocabulário e na organização das frases, sem comprometer a comunicação. A autora enfatiza que essa diversidade não é erro, mas característica intrínseca de qualquer língua.

Bagno (2007, p. 22) reforça que enfrentar o preconceito linguístico exige reconhecer que cada variedade possui suas próprias regras e atende plenamente às necessidades comunicativas de seus falantes. A valorização dessa pluralidade é parte essencial de uma educação linguística que realmente inclua. Essa postura contribui para desfazer estigmas e reconhecer a riqueza presente nas formas populares de falar.

Diante disso, torna-se claro que combater o preconceito linguístico significa também enfrentar desigualdades sociais. Quando diferentes modos de falar são legitimados, abre-se espaço para que grupos historicamente marginalizados tenham suas identidades reconhecidas. Esse movimento

fortalece uma visão de língua mais democrática, plural e coerente com a realidade brasileira.

Rocha e Corbani (2021, p. 20) destacam que o respeito às variedades sociais deve ser trabalhado na escola, para que os estudantes compreendam que sua fala não é inadequada, mas parte fundamental de sua história e cultura. Desse modo, a educação linguística torna-se instrumento de valorização e cidadania.

Quando a escola incorpora a poesia de cordel, marcada por variações sociais e regionais assumidas com orgulho, ela legitima o modo de falar dos estudantes das camadas populares e fortalece o compromisso de valorização cultural e cidadã apontado por Rocha. Assim, a sala de aula passa a reconhecer essas vozes como parte legítima do patrimônio linguístico brasileiro, e não como expressão de inadequação.

1.3 Variação Diafásica (Estilística)

A variação diafásica (do grego *diá* = através de; e *phasis* = expressão modo de falar) ou estilística está relacionada às escolhas que cada falante faz ao moldar sua fala ou escrita conforme a situação comunicativa. Tarallo (2005, p. 40) explica que todo indivíduo possui um conjunto amplo de recursos expressivos e seleciona formas distintas dependendo do contexto e de quem participa da interação. Isso revela que o estilo tem uma orientação social clara. A Sociolinguística, nesse sentido, demonstra que registros formais ou coloquiais não representam versões “corretas” ou “incorretas” da língua, mas modos diferentes de organizar o discurso para atender a finalidades específicas.

Sob esse viés, um mesmo falante pode recorrer a construções mais espontâneas em conversas informais e, em outros momentos, preferir enunciados planejados para situações acadêmicas ou profissionais. O que se altera não é o domínio da língua, mas a necessidade de ajustar o discurso às expectativas do interlocutor. Assim, a variação estilística opera como forma de negociação de sentidos e permite que o sujeito transite entre distintos ambientes sociais sem abdicar de sua identidade linguística.

Complementando essa discussão, Bagno (2007, p. 119) explica que usar

a língua implica sempre em buscar um equilíbrio entre adequabilidade e aceitabilidade, isto é, entre o grau em que o enunciado se ajusta à situação e o modo como será recebido pelo interlocutor. Em situações formais, espera-se um registro mais elaborado; em interações cotidianas, a informalidade tende a ser mais bem-aceita (Bagno, 2007, p. 130). A escolha estilística, portanto, não é aleatória: ela se orienta por expectativas sociais que regulam o que é considerado apropriado em cada contexto.

No âmbito das variedades da língua, Paulista (2016, p. 164) mostra que o repertório verbal de cada indivíduo é composto por diferentes modos de falar, associados a contextos específicos e a expectativas de prestígio ou estigma. A autora lembra que a própria noção de variedade padrão resulta de uma escolha social que determina o que será visto como forma “correta” de expressão. Nesse quadro, os estilos mais ou menos formais integram o conjunto de variedades linguísticas que os falantes mobilizam de maneira estratégica para interagir em diferentes esferas de atividade.

No campo educacional, a Base Nacional Comum Curricular orienta o trabalho contínuo com diferentes usos da língua, para que os alunos aprendam a respeitar a pluralidade de falares e superem a crença de que só existe uma variedade válida. A proposta pedagógica é ampliar o repertório estilístico dos estudantes, e não apagar os modos informais com que eles se comunicam no cotidiano. Ao compreender que cada contexto pede escolhas específicas, o aluno deixa de enxergar a norma padrão como um modelo oposto e incompatível com sua fala habitual.

Bagno (2007, p. 120) critica o que chama de “paranoia ortográfica”, prática que reduz o ensino de língua portuguesa a uma busca interminável por erros e desconsidera o conteúdo das produções. Segundo o autor, esse modelo reforça a ideia de que apenas um tipo de escrita é aceitável e minimiza outras formas de organizar textos e construir argumentos. Quando a escola privilegia apenas a correção formal, o aluno perde a liberdade de experimentar estilos e de desenvolver sua própria voz, o que empobrece a língua enquanto prática social.

Rocha e Corbani (2021, p. 25) ressaltam que, durante muito tempo, o ensino de português colocou a gramática normativa no centro e concedeu pouco espaço às variedades populares, contribuindo para o fortalecimento do preconceito linguístico. As mudanças recentes nas políticas educacionais

passaram a reconhecer a diversidade de registros e a incluir a oralidade como objeto legítimo de estudo. Nesse contexto renovado, a variação estilística torna-se componente essencial para formar sujeitos capazes de usar a língua de modo crítico e consciente em diferentes esferas sociais.

Além disso, Paulista (2016, p. 165) observa que as escolhas de estilo dialogam com outras dimensões da variação, como as diferenças regionais, sociais e geracionais. A alternância entre pronomes, modos de tratamento ou vocabulários específicos, por exemplo, pode funcionar tanto como marca de pertencimento a determinado grupo quanto como ajuste às expectativas de formalidade da situação. Ao articular essas dimensões, a variação estilística evidencia que a linguagem é sempre atravessada por relações de poder e por avaliações sociais sobre o que é considerado “adequado”.

Retomando a perspectiva sociolinguística, Tarallo (2005) ressalta que o estilo constitui uma dimensão fundamental do discurso, uma vez que evidencia as estratégias linguísticas mobilizadas pelos falantes em diferentes situações comunicativas. Nesse sentido, a variação estilística revela a capacidade de os indivíduos adequarem seus usos linguísticos aos diversos contextos de interação, assumindo distintos papéis sociais sem romper a unidade do sistema linguístico.

Dessa forma, a compreensão da variação linguística amplia-se para além das diferenças de natureza regional ou social, incorporando também as escolhas de registro e os mecanismos de adequação discursiva que permeiam as práticas comunicativas cotidianas. Tal perspectiva reforça o caráter dinâmico, heterogêneo e funcional da língua, concebida não como um sistema homogêneo e estático, mas como uma realidade em constante transformação, moldada pelas necessidades comunicativas e pelas relações sociais de seus falantes.

CAPÍTULO II

2. O GÊNERO LITERÁRIO CORDEL E A POÉTICA DE PATATIVA DO ASSARÉ

Compreendido como gênero textual e prática social, o cordel articula linguagem, memória coletiva e circulação popular, integrando dimensão estética e função comunicativa. Como afirma Marcuschi (2008), à luz da concepção de gêneros como formas de ação social, entende-se que os gêneros discursivos estão vinculados às práticas sociais em que circulam, refletindo necessidades comunicativas específicas. Nesse sentido, o cordel pode ser definido como uma modalidade de produção verbal marcada pela oralidade, pelo ritmo, pela rima e pela performatividade, frequentemente associada a contextos de declamação, canto e compartilhamento coletivo, características que o aproximam das tradições populares nordestinas.

Nessa perspectiva, sua relevância ultrapassa o plano estritamente literário, uma vez que o cordel também registra experiências históricas, valores culturais e modos de dizer próprios de determinados grupos sociais, configurando-se como espaço de construção e afirmação identitária. Conforme aponta Cascudo (2006), a literatura de cordel preserva elementos da cultura popular ao mesmo tempo em que funciona como meio de transmissão de saberes e tradições, contribuindo para a manutenção da memória coletiva.

No contexto do Nordeste brasileiro, o cordel consolidou-se como expressão significativa da cultura popular e, simultaneamente, como instrumento de reflexão crítica acerca do cotidiano, das desigualdades sociais e das condições de vida das camadas populares. O cordel nordestino desempenha um papel importante na representação das práticas sociais e cotidianas da comunidade, abordando temas como seca, migração e injustiça social.

É nesse horizonte que se insere a obra de Patativa do Assaré³, cuja poesia, como afirma (Carvalho, 2011), transforma a experiência sertaneja em

³ Patativa do Assaré, nome artístico de Antônio Gonçalves da Silva (1909–2002), poeta popular nascido no município de Assaré, no sertão do Ceará. Viveu grande parte da vida na zona rural, trabalhando como

matéria literária e em discurso socialmente engajado, dando voz às vivências e às lutas do homem do campo.

2.1 Contexto histórico, cultural e literário de Patativa do Assaré

Patativa do Assaré, poeta profundamente vinculado ao sertão cearense, construiu sua trajetória em um ambiente marcado pela seca, pelo trabalho rural e pela força da tradição oral. Carvalho (2011, p. 8) o descreve como um autor que transformou seus noventa e três anos de vida em um canto comprometido com o povo, fazendo de sua experiência camponesa a base de sua criação poética.

Ao evocar a infância marcada por dificuldades, o contato direto com a terra e a convivência com a cultura sertaneja, evidencia-se que a obra de Patativa do Assaré emerge de um contexto social específico, no qual a palavra rimada assume função de resistência e de afirmação identitária.

Nesse cenário, o cordel produzido por Patativa não deve ser compreendido como manifestação estética isolada, mas como resposta às condições históricas do Nordeste rural. O poeta enuncia a partir do interior da comunidade que representa, assumindo a posição de intérprete das vivências, dos conflitos e das expectativas do sertanejo, o que confere autenticidade e força social à sua produção.

Nessa perspectiva, Feitosa e Feitosa (2019, p. 174) apresentam Patativa como um poeta “histórico e universal”, destacando que sua obra transcende o âmbito regional ao converter a experiência do sertão em reflexão sobre questões humanas amplas, como injustiça social, dignidade e liberdade.

Obra de arte se articula com o belo, com a capacidade de criação, com emoções, com imagens, e no caso da literatura, com a linguagem, o que nos leva a entender que a produção patativana é inarredavelmente universal. (Feitosa e Feitosa 2019, p. 174)

Sua trajetória está profundamente ligada ao sertão cearense, espaço marcado pela seca, pelo trabalho na roça e pela forte tradição oral. Carvalho

agricultor, e teve contato limitado com a educação formal. Desde cedo apresentou problemas de visão, o que dificultou sua escolarização. Sua obra está profundamente ligada à cultura sertaneja, à oralidade e às vivências do homem do campo, abordando temas como seca, desigualdade social e identidade nordestina.

(2011, p. 8) o descreve como um poeta que transformou noventa e três anos de sua vida em canto comprometido com o povo, fazendo de sua experiência de camponês matéria-prima para a poesia. Ao relatar a infância pobre, o contato com a terra e a convivência com a cultura sertaneja, o autor evidencia que a obra patativana nasce de um contexto social específico, no qual a palavra rimada funciona como forma de resistência e afirmação identitária.

A partir desse cenário, percebe-se que o cordel de Patativa não pode ser compreendido apenas como produção estética isolada. Ele é, sobretudo, uma resposta às condições históricas do Nordeste rural. O poeta fala de dentro da comunidade que retrata, assumindo a posição de porta-voz das alegrias, dores e esperanças do sertanejo, o que confere autenticidade inegável à sua arte.

Os autores enfatizam que, ao assumir a fala dos pobres e dos marginalizados, Patativa insere o cordel em um horizonte crítico, no qual a poesia opera tanto na denúncia das desigualdades quanto na valorização da cultura popular. Desse modo, sua produção articula a experiência sertaneja a problemáticas sociais mais amplas. Ao abordar a seca, a migração e o cotidiano do sertanejo, o poeta trata de temas que atravessam diferentes sociedades, como relações de poder e processos de opressão. A aparente simplicidade formal dos versos combina-se a uma dimensão ética e política, fazendo de sua obra um registro sensível das desigualdades brasileiras e da importância histórica e cultural do sertão no conjunto do país.

Carvalho (2011) mostra que esse projeto poético é alimentado por uma cultura oral intensa, marcada pela atuação de violeiros, emboladores e cantadores que circulavam por feiras e festas populares. Segundo o autor, Patativa aprende desde cedo a “escutar o mundo em verso”, apropriando-se do ritmo das cantorias e da musicalidade das narrativas orais. Essa base cultural contribui para explicar a cadência dos poemas, a recorrência de refrões e a proximidade entre texto escrito e performance, características associadas à tradição do cordel nordestino.

A oralidade é decisiva para os argumentos desenvolvidos neste trabalho, pois evidencia a relação entre gênero textual, contexto de circulação e escolhas linguísticas. Em consonância com a discussão do Capítulo I, compreende-se que o cordel, enquanto gênero, organiza-se em práticas sociais de comunicação (Marcuschi, 2008) e mobiliza variedades linguísticas situadas histórica e

culturalmente (Bagno, 2007; Tarallo, 2005). Assim, ao compor versos voltados à circulação pela fala, pelo canto ou pela declamação em espaços comunitários, Patativa reforça a ligação entre literatura e vida cotidiana e contribui para consolidar o cordel como marca de identidade coletiva.

Segundo Carvalho (2009, p. 13), “o conhecimento que vem da observação só pode ser adquirido através da experiência de quem vive mesmo no sertão, de quem conhece de dentro a sua realidade”. Segundo o pesquisador, os cordéis patativanos dialogam de forma direta com acontecimentos sociais e políticos do século XX, como a migração, a desigualdade e a pobreza, mantendo um vocabulário simples, capaz de aproximá-lo de seu público. Essa combinação revela uma escrita que preserva a tradição oral ao mesmo tempo em que assume posição crítica diante das estruturas responsáveis por perpetuar exclusões.

Ao observar esse conjunto de elementos, torna-se claro que a trajetória de Patativa se desenvolve em meio às tensões entre centro e periferia. Sua poesia se coloca ao lado de quem não costuma ter voz, utilizando uma linguagem acessível para chegar a leitores e ouvintes historicamente afastados dos bens culturais. Nesse processo, o cordel passa a funcionar como forma de participação na vida pública, permitindo que a vivência do sertanejo seja discutida sob a forma de arte.

No campo específico da linguagem, a reflexão de Bagno (2007) contribui para compreender o peso político da opção de Patativa pelo português popular. O autor denuncia que o preconceito linguístico nasce da crença de que somente a variante padrão é legítima, o que desqualifica a fala de grupos rurais e de trabalhadores. Quando o poeta escolhe o “português do sertão” como meio de criação, ele desmonta essa lógica e demonstra que as variedades estigmatizadas também carregam densidade expressiva e saberes sociais.

As regiões periféricas costumam ser as mais afetadas pelo preconceito linguístico, já que seus modos de falar são frequentemente ridicularizados. Na comparação com a produção de Patativa, percebe-se que seus cordéis funcionam como resposta direta a esse processo: o poeta confere *status* literário à fala sertaneja, deslocando-a do lugar de inferioridade e transformando-a em referência estética. A literatura, nesse caso, opera como instrumento de reparação simbólica, garantindo visibilidade a vozes normalmente silenciadas.

Nesta perspectiva, Paulista (2016) lembra que nenhuma língua é

uniforme, pois se organiza em múltiplas variedades determinadas por fatores regionais, sociais e estilísticos. Assim, a escolha de Patativa por uma variedade não padrão não deve ser vista como inadequação, mas como decisão estética e política que representa sua comunidade. Quando esse conceito é articulado à sua prática poética, percebe-se que o cordel registra, como documento literário, a diversidade sociolinguística do país e expõe relações de poder envolvidas na valoração das diferentes formas de falar.

As reflexões mostram que a vida de Patativa, o seu ambiente cultural e os fundamentos teóricos da variação linguística formam um conjunto interdependente para compreender sua obra. O poeta não descreve de longe a realidade que retrata: ele fala como integrante dela, o que dá autenticidade à sua escrita e exige uma análise que considere simultaneamente os aspectos históricos, sociais e linguísticos envolvidos.

Tarallo (2005) enfatiza que a pesquisa sociolinguística toma a fala real dos sujeitos como ponto de partida para entender a estrutura da língua em uso, valorizando a heterogeneidade como traço constitutivo dos sistemas linguísticos. Essa perspectiva permite ver, nos versos de Patativa, não um conjunto de desvios em relação a uma norma idealizada, mas a concretização de regras próprias que regem a variedade sertaneja. Desse modo, o cordel passa a ser lido também como registro de práticas linguísticas de uma comunidade, tornando-se fonte relevante para estudos sobre variação e identidade no português brasileiro.

Patativa insiste muito nesse sentido primordial e comunitário da palavra “social”; ele é o poeta de toda uma comunidade, como ele próprio diz: “Eu sou o poeta do engraxate, do chapeado, do ajudante de carro, do dono do carro e do doutor, quando ele me quer. Comigo não há distinção” (Assaré *apud* Carvalho, 2009, p. 16). Isso é fundamental para o poeta, sendo a comunidade quem o faz viver como poeta através do reconhecimento da sua missão (Carvalho, 2009, p. 16).

O contexto histórico e cultural do poeta aparece, assim, não apenas como “cenário” da obra, mas como condição de possibilidade para sua escrita. A vida no campo, a migração e a religiosidade popular são elementos que atravessam sua produção. A linguagem adotada por Patativa, inteiramente enraizada nesse universo, revela como a experiência social molda formas de dizer e de sentir, fazendo do cordel um espelho sensível da coletividade.

A leitura conjunta de Carvalho (2009, 2011, 2017) e de Feitosa e Feitosa (2019) permite compreender Patativa do Assaré como figura que sintetiza, em sua trajetória, língua, cultura e consciência social. Seu cordel nasce da escuta do povo e retorna a ele em forma de canto, preservando memórias, denunciando injustiças e afirmando a dignidade dos que vivem às margens do poder. Assim, o contexto histórico, cultural e literário de sua obra revela que, no gênero cordel, a palavra não é apenas estética: é também história, identidade e resistência.

2.2 A poesia social e regional de Patativa do Assaré

A oralidade constitui eixo central da estética patativana, emergindo da convivência do poeta com os modos de fala do sertão. Carvalho (2017, p. 21) explica que Patativa “aprendeu o mundo pela escuta”, transformando a experiência sonora do cotidiano rural em matéria poética. Essa oralidade não é mero recurso estilístico, mas fundamento cultural que aproxima o poeta de sua comunidade. Ao incorporar ritmos e entonações sertanejas, sua poesia preserva a memória coletiva e reafirma a identidade camponesa.

Desse modo, a presença da oralidade na obra de Patativa não se limita à reprodução de fala regional, mas expressa a maneira como o sertanejo interpreta o mundo, evidenciando sua cosmovisão. A cadência, os refrões e a musicalidade constroem uma poesia que nasce para ser dita e compartilhada, transformando o poema em um espaço vivo de reconhecimento mútuo entre autor e público.

Feitosa e Feitosa (2019) reforçam que Patativa eleva a oralidade à condição de linguagem artística ao traduzir em verso o modo de viver e pensar do sertanejo. Para os autores, sua poesia combina simplicidade expressiva e densidade crítica, unindo canto, memória e resistência. A voz popular, antes marginalizada, torna-se veículo legítimo de reflexão social. Essa valorização da fala viva dissolve fronteiras entre o erudito e o popular.

A partir dessa compreensão, percebe-se que a oralidade patativana não apenas recupera práticas culturais do sertão, mas constrói um modo de dizer que legitima a experiência do povo. A performance vocal, associada ao ritmo das cantorias, fortalece a dimensão coletiva da poesia e evidencia sua função de preservação simbólica das tradições regionais, combatendo o silenciamento histórico.

A incorporação de elementos da fala faz com que seus poemas mantenham estreita conexão com o ambiente sociocultural de origem. O texto escrito funciona como uma transcrição poética e consciente de um modo de expressão que já existia na comunidade, mantendo viva a relação entre palavra, memória e pertencimento.

Carvalho (2009, p. 15) interpreta a oralidade em Patativa como elemento performático que aproxima autor e público. A leitura oral transforma o poema em acontecimento, reafirmando que o cordel não se dissocia de sua base comunitária. Desse modo, o sentido da poesia se completa na escuta.

Tal aspecto performático confere ao cordel patativano dinamismo próprio, permitindo que cada recital atualize a experiência do texto. A vocalidade modifica entonações, intensidades e pausas, fazendo com que o poema circule como discurso vivo e acessível. Essa vitalidade aproxima a arte literária das práticas tradicionais das feiras e encontros sertanejos, garantindo seu alcance popular.

Bagno (2007) explica que o preconceito linguístico frequentemente desqualifica a oralidade, atribuindo-lhe inferioridade em relação à escrita formal. A obra de Patativa, porém, confronta esse paradigma ao demonstrar que a fala popular possui estrutura, coerência e beleza próprias. Ao transformar o português sertanejo em poesia, ele desafia hierarquias culturais e evidencia o valor da língua viva.

Paulista (2016) afirma que toda variedade linguística revela lógica própria, construída pela funcionalidade social e pela interação entre falantes. Essa perspectiva ilumina a escolha de Patativa, que incorpora à poesia recursos típicos da oralidade sertaneja: as repetições, os paralelismos e o ritmo marcado como formas de organizar o discurso. Sua obra evidencia que a oralidade possui estrutura complexa e plenamente legítima.

Consequentemente, sua poesia não deve ser lida como reprodução espontânea da fala, mas como construção estética consciente que transforma práticas linguísticas do cotidiano em expressão literária. A oralidade, nesse caso, funciona como ponte entre tradição e criação, revelando um diálogo constante entre experiência coletiva e invenção poética que define a identidade nordestina.

Carvalho (2017) sintetiza que a oralidade em Patativa expressa a voz de um povo que encontra, na palavra dita, forma de resistir e sobreviver. A poesia se converte em testemunho das dores, saberes e esperanças do sertão,

preservando aquilo que a escrita sozinha não poderia registrar. Assim, a oralidade configura o núcleo vital de sua arte e a base de sua força cultural.

Bagno (2007, p. 9) afirma que o preconceito linguístico “está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa”, fazendo com que a norma culta seja tratada como único modelo legítimo. Essa percepção desloca o uso real da língua e reforça julgamentos sobre quem não domina o padrão. Ao observar a obra de Patativa do Assaré, percebe-se que sua escolha pela variedade sertaneja confronta diretamente essa hierarquia, pois transforma a fala estigmatizada em matéria literária. Esse gesto artístico revela que a língua do povo também expressa saberes, memórias e formas legítimas de criar sentido.

Carvalho (2017) observa que Patativa assumiu deliberadamente a linguagem do campo como marca identitária, recusando a imposição de modelos urbanos e escolarizados. Para o autor, essa opção se configura como resistência cultural, pois afirma a legitimidade de uma fala historicamente marginalizada. Ao escrever a partir da oralidade sertaneja, o poeta projeta na literatura aquilo que muitas vezes é silenciado no espaço social. Dessa forma, sua obra reverte o estigma e transforma o dialeto em signo de força e pertencimento.

Esse posicionamento linguístico adquire densidade quando se considera que a escrita de Patativa atinge leitores diversos, inclusive aqueles que raramente se veem representados na produção literária. O poeta cria um espaço em que a fala comum não apenas aparece, mas é celebrada. Essa legitimação simbólica contribui para que o sujeito rural identifique na língua um elemento de autoestima, deslocando o sentimento de inadequação imposto pela norma escolar.

Feitosa e Feitosa (2019, p. 174) ressaltam que Patativa articula estética e crítica social ao transformar o falar sertanejo em instrumento de denúncia. Para os autores, o poeta “eleva o popular ao plano do universal”, mostrando que a experiência do povo contém profundidade ética e política. Essa perspectiva evidencia que a língua não padrão, longe de ser empobrecida, constitui fonte expressiva capaz de revelar desigualdades e reivindicar direitos. Assim, sua poética confronta diretamente o preconceito que tenta inferiorizar variedades linguísticas.

Ao reconhecer essa dimensão crítica, compreende-se que a linguagem

utilizada pelo poeta não é apenas estilo, mas ação política. A escolha das palavras, ritmos e expressões revela uma tomada de posição diante das relações de poder que estruturam o Brasil. Dessa forma, a literatura de Patativa do Assaré reafirma que a língua também é lugar de luta simbólica, por meio da qual identidades são disputadas e reconstruídas.

No estudo de Carvalho (2011), observa-se que a recepção da obra de Patativa costuma destacar sua simplicidade como mérito artístico. O autor argumenta que essa simplicidade é resultado de domínio refinado da oralidade e não de ausência de técnica. Tal entendimento rompe com a visão preconceituosa que associa fala popular à falta de capacidade expressiva. Ao demonstrar que a estética da oralidade possui regras próprias, Carvalho reforça a legitimidade da linguagem sertaneja.

Essa análise permite compreender que o preconceito linguístico se sustenta, muitas vezes, na ignorância sobre o funcionamento das variedades. A obra analisada evidencia que cada forma de falar organiza o mundo à sua maneira, produzindo significados coerentes com a realidade cultural dos falantes. Assim, combater o preconceito exige reconhecer a diversidade como valor e não como desvio em relação à norma, como Patativa do Assaré faz em seus versos.

No campo específico da crítica sociolinguística, Bagno (2007, p. 55) evidencia que o preconceito se manifesta ao se “atribuir erro ao que é apenas diferença”. Essa observação dialoga diretamente com a obra de Patativa, na qual a variedade sertaneja é tratada como riqueza cultural e não como falha. A presença dessa língua no cordel reafirma que normas diferentes coexistem e são adequadas a contextos distintos. Ao deslocar a noção de correção, Patativa reafirma a diversidade como fundamento democrático.

Ao registrar a fala cotidiana, o poeta legitima modos de vida que a sociedade dominante tende a ignorar. Desse modo, o texto literário atua como espelho social, devolvendo dignidade aos falantes cujas vozes foram historicamente silenciadas.

Assim também, Carvalho (2017) observa que a crítica social de Patativa emerge justamente da forma como ele manipula a língua do povo. Ao combinar humor, denúncia e lirismo, o poeta revela a potência expressiva da variedade regional. Essa escolha linguística não é ingênua: ela reforça o vínculo entre

linguagem e identidade coletiva. Assim, a oralidade sertaneja se transforma em ferramenta de consciência social.

A partir dessa leitura, compreende-se que a obra de Patativa atua contra o apagamento linguístico. Ao valorizar a fala do sertão, ela resiste à padronização cultural e reafirma a pluralidade brasileira. Essa resistência evidencia que preservar a diversidade linguística é também preservar modos de existir, pensar e significar o mundo.

Para os autores estudados, a poesia de Patativa denuncia injustiças ao mesmo tempo que fortalece a identidade do povo. Essa articulação mostra que combater o preconceito linguístico é reconhecer a força da linguagem popular. Assim, o cordel patativano emerge como espaço de dignidade, resistência e afirmação cultural.

CAPÍTULO III

3. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA OBRA DE PATATIVA DO ASSARÉ

A poesia de Patativa do Assaré revela, por meio da linguagem, aspectos importantes da cultura e da vivência do povo sertanejo. Em seus poemas, o autor utiliza expressões populares, marcas de oralidade e regionalismos que aproximam o texto da fala cotidiana do homem nordestino. Essas escolhas linguísticas não aparecem apenas como característica estilística, mas como forma de representar experiências, valores e modos de vida presentes no sertão.

Neste capítulo, serão analisados alguns versos de poemas de Patativa do Assaré, presentes no livro *Cordéis e outros poemas*, buscando identificar como a variação linguística contribui para a construção da identidade nordestina e para a valorização da fala popular na obra de Patativa do Assaré. A análise considera os aspectos linguísticos presentes nos textos, especialmente as marcas regionais e os elementos da oralidade que reforçam a relação entre língua, cultura e realidade social. Para isso, serão observadas ocorrências de variações fonéticas representadas na escrita, como “trabaio” e “dotô”, escolhas lexicais características do falar sertanejo nordestino e recursos de oralidade. Esses elementos serão analisados, tendo como parâmetro as variações diatópica, diastrática e diafásica, buscando compreender de que maneira contribuem para a construção da identidade cultural sertaneja e para a valorização dos saberes populares presentes na obra de Patativa do Assaré.

3.1 Recursos linguísticos e expressões regionais

A poesia de Patativa do Assaré revela uma valorização singular da linguagem popular como elemento de expressão estética e resistência cultural. Carvalho (2017, p. 30) observa que a voz do poeta se forma na oralidade do sertão e deixa marcas no texto escrito, de modo que o “canto” que circula nas

feiras, rádios e encontros comunitários reaparece no verso impresso como prolongamento dessa experiência coletiva. Nessa perspectiva, a variação linguística não se limita a recurso estilístico, mas constitui escolha política que legitima o modo de falar do homem do campo e o coloca no centro do discurso literário.

Em poemas como “O Meu Livro”, a seleção lexical evidencia esse compromisso com o universo sertanejo. Nesse excerto, em vez de suavizar ou ocultar as marcas regionais, o eu lírico reafirma sua identidade de “matuto” cuja leitura e escrita nascem da vivência sertaneja. Expressões como *incelente/foia/pudê/té* (em lugar de “excelente”, “folha”, “poder” e “ter”) preservam a sonoridade própria da fala do sertão, transformando o dialeto em elemento de autenticidade.

O meu livro é todo cheio
de muita coisa incelente,
em suas foia é que leio
o pudê do Onipotente.
Nesta leitura suave
eu vejo coisa agradave
que muita gente não vê
por isso sou conformado
sem eu nunca té pegado
numa carta de ABC.
(Assaré, 2006, p. 51)

A simplicidade lexical, longe de indicar empobrecimento, opera como recurso de aproximação: torna o texto acessível a leitores com diferentes níveis de escolaridade e, sobretudo, atribui valor à oralidade camponesa, reconhecendo-a como legítimo instrumento de expressão literária.

Depois que a panela ferve com
aquela misturada
ele enche aquilo tudo
dois costais de garrafada
bota uma carga num jegue
viaja de madrugada (Assaré,
2006, p. 81).

Em “Doutor Raiz”, Patativa do Assaré constrói uma crítica à figura do curandeiro charlatão por meio de uma linguagem marcada pela oralidade sertaneja. Expressões populares e estruturas sintáticas próprias da fala nordestina aproximam o poema da experiência cotidiana do homem do campo,

ao mesmo tempo em que reforçam o caráter social da narrativa poética.

A discussão sobre o léxico regional ajuda a compreender esse movimento. No volume organizado por Carvalho (2009, p. 79), mostra-se que a escolha vocabular de Patativa revela aspectos da vida que o circunda e valores sociais, históricos e culturais pelos quais lutou ao longo da existência. Ao destacar que certas palavras são estigmatizadas por estarem associadas a falantes rurais ou pouco escolarizados, o estudo evidencia que o poeta transforma essas formas em sinais de identidade e resistência. O poeta diz: “Pois aquele astuto/ não tem coração/explore o tostão/ do pobre matuto” (Assaré, 2006, p. 83). Assim, quando recorre a expressões como “matuto” ou construções sintáticas marcadas pela oralidade, Patativa tensiona a fronteira entre o que é considerado prestigioso e o que é visto como “erro”.

Pra gente canta o sertão,
Precisa nele mora,
Tê armoço de feijão
E a janta de mucunzá.
Vive pobre, sem dinhêro,
Trabaiando o dia intêro,
Socado dentro do mato,
De apragata currelepe.
Pisando inriba do estrepe,
brocando a unha-de-gato.
(Assaré, 2006, p. 112)

A presença dessas marcas linguísticas em poema como “Cante Lá, Que Eu Canto Ca” aproxima o leitor da fala cotidiana do sertanejo e fortalece a construção de uma voz popular dentro do texto. Ao utilizar expressões características da oralidade nordestina, Patativa do Assaré evidencia que o conhecimento construído fora dos espaços acadêmicos também possui valor social e cultural. Dessa forma, o poema não apenas representa o universo sertanejo, mas também questiona a ideia de que apenas o saber formal deve ser reconhecido como legítimo.

Ao articular esses recursos, a produção patativana confirma a leitura de Feitosa e Feitosa (2019, p. 173), para quem o poeta, embora parta de elementos do mundo rural nordestino, constrói uma obra de grande qualidade estética e alcance universal. A linguagem marcada pela oralidade não aprisiona os poemas ao rótulo de “regional”, mas serve de base para reflexões sobre poder, desigualdade e dignidade humana. Desse modo, os cordéis e poemas de

Patativa mostram que a variação linguística em sua obra não apenas registra uma forma de falar, mas afirma uma posição no mundo, na qual a palavra do sertanejo se ergue como discurso legítimo, crítico e literário.

Sem chuva na terra
descamba janeiro
até fevereiro
no mesmo verão
reclama o roceiro
dizendo consigo:
meu Deus é castigo
não chove mais não
(Assaré, 2006, p. 3).

Em “A Triste Partida”⁴, Patativa do Assaré utiliza uma linguagem próxima da oralidade sertaneja para narrar o sofrimento provocado pela seca e pela migração forçada do povo nordestino, tornando a narrativa mais humana e próxima da realidade social retratada.

Assim vão
deixando com
choro e gemido seu
norte querido um
céu lindo azul
o pai de família
nos filhos pensando
o carro rodando
na estrada do
sul
(Assaré, 2006, p. 5).

A construção do eu lírico evidencia o sentimento de perda e desenraizamento vivido pelo migrante nordestino. Ao recordar a felicidade em sua terra antes da partida, o poema apresenta não apenas uma mudança geográfica, mas também uma ruptura afetiva e cultural. A linguagem simples utilizada por Patativa fortalece essa representação, pois permite que a experiência do sertanejo seja expressa de maneira direta e acessível.

Ai como é duro viver / Nos estados do Nordeste / Quando o
nosso Pai Celeste / Não manda a nuvem chover / É bem triste a
gente ver / Findar o mês de janeiro / Depois findar fevereiro / E

⁴ “A Triste Partida” é um dos poemas mais célebres do poeta cearense Patativa do Assaré. Musicado e gravado por Luiz Gonzaga em 1964, a obra transformou-se em um marco da música popular brasileira ao relatar com emoção, ritmo e fidelidade a dura realidade da migração forçada e a saga dos sertanejos fugindo da seca impiedosa

março também passar / Sem o inverno começar / No Nordeste brasileiro (Assaré, 2006, p. 94).

Em “ABC do Nordeste Flagelado”, Patativa do Assaré retrata as dificuldades enfrentadas pela população sertaneja diante da seca e do abandono social. A linguagem utilizada no poema aproxima-se da fala popular nordestina, especialmente pela construção simples dos versos e pela presença de expressões ligadas ao cotidiano do sertão.

O poema apresenta uma visão coletiva do sofrimento causado pela estiagem. Ao utilizar a expressão “a gente”, o eu lírico amplia a experiência individual e transforma a seca em um problema compartilhado por toda a população sertaneja. A repetição da passagem do tempo, assim como também se apresenta no poema “A Triste Partida”: “janeiro”, “fevereiro” e “março”, reforça a sensação de espera, angústia e insegurança diante da ausência da chuva.

Além disso, Patativa utiliza a variação linguística como instrumento de representação cultural e denúncia social. A valorização da fala popular contribui para legitimar a voz do sertanejo dentro da literatura, ao mesmo tempo em que evidencia problemas históricos enfrentados pela região Nordeste. Dessa forma, o poema ultrapassa a dimensão regional e transforma a experiência do sertão em reflexão social mais ampla sobre desigualdade, sofrimento e resistência.

3.2 A identidade nordestina e a variação linguística

A construção da identidade nordestina na obra de Patativa do Assaré articula linguagem, memória social e vínculo territorial. Carvalho (2017, p. 12) demonstra que a poesia do autor “nasce do chão seco do sertão”, revelando a resistência como marca que atravessa sua produção.

Em “A Triste Partida”, a escolha de expressões regionais e estruturas próprias da oralidade funciona como registro histórico das migrações forçadas pela seca, permitindo que o sofrimento narrado seja também um testemunho linguístico da experiência coletiva.

Trabalha um ano
dois anos mais anos
e sempre no plano
de um dia inda vim
o pai de família
triste maldizendo

assim vão sofrendo tormento sem fim
(Assaré, 2006, p. 6).

A análise do poema indica que o impacto emocional decorre não somente do tema da retirada, mas também da forma como a dor é materializada na linguagem. O ritmo fragmentado, a repetição e o emprego de variantes populares aproximam o leitor da voz do próprio retirante retratado por Patativa em “A Triste Partida”. A variação expressiva não atua como ornamento: funciona como afirmação de pertencimento a uma coletividade que persiste diante de pressões ambientais e desigualdades sociais.

Feitosa e Feitosa (2019, p. 168) observam que Patativa “eleva a fala comum à categoria de arte”, sobretudo quando transforma o vocabulário do cotidiano em instrumento de afirmação identitária.

Nas letra num tive istudo
sou mafabeto de tudo
de pai, de mãe, de parente.
Mas tenho grande prazê
pruquê aprendi a lê
duma forma deferente.
(Assaré, 2006, p. 51)

Em “O Meu Livro”, essa perspectiva aparece quando o eu lírico declara que sua formação advém da vida e do trabalho, e não da escolarização formal. A oralidade, nesse caso, funciona como fundamento de sua autoridade poética, legitimando a sabedoria popular que sustenta sua visão de mundo.

A valorização da fala popular quebra a hierarquia que tradicionalmente privilegia a norma-padrão e demonstra, a partir do poema “O Meu Livro”, que a identidade nordestina se fortalece por meio de uma linguagem que reflete vivências concretas: “Num é preciso a pessoa/ cunhecê o beabá/pra sê honesta e sê boa” (Assaré, 2006, p. 51). O texto torna-se espaço de resignificação, evidenciando que o modo de falar do sertanejo expressa resistência, inventividade e consciência histórica.

Carvalho (2011, p. 54) reforça que a fidelidade ao modo de falar do sertão constitui a essência da poética patativana. Isso se revela com clareza em *ABC do Nordeste Flagelado*: “R - Raquítica, pálida e doente/ fica a pobre criatura/e a boca da sepultura/ vai engolindo o inocente” (Assaré, 2006, p. 97). O ritmo cadenciado e as expressões regionais compõem um quadro vivo da seca e de

seus impactos. A musicalidade do poema aproxima a leitura da performance oral, recuperando tradições de cantoria que constituem importante pilar da memória coletiva nordestina.

Quando o poema recupera a cadência típica das cantorias sertanejas, como ocorre em “ABC do Nordeste Flagelado”, o leitor identifica simultaneamente a denúncia social e a força comunitária que estruturam o pertencimento regional. A obra deixa de ser mero relato do sofrimento provocado pela seca e se transforma em monumento de preservação histórica.

Na abordagem apresentada por Carvalho (2009, p. 79), o regionalismo lexical de Patativa expressa valores culturais profundamente ligados ao cotidiano rural. Palavras como “caboco” e “inverga”, registradas em seus poemas, carregam marcas históricas que remetem ao trabalho, à luta pela sobrevivência e às relações comunitárias. Ao incorporá-las ao texto escrito, o poeta converte o vocabulário regional em patrimônio simbólico, afirmando a legitimidade da fala popular.

A seleção vocabular evidencia que a identidade construída pelo poeta se sustenta em práticas reais, e não em idealizações. Termos que carregam memória social e vínculos territoriais convidam o leitor a adentrar o universo cultural do sertão a partir da perspectiva interna dos sujeitos retratados. Dessa forma, a variação linguística estabelece conexão direta entre a experiência vivida e o discurso literário, garantindo autenticidade às representações poéticas.

Em “A Triste Partida”, Carvalho (2017, p. 41) descreve o poema como “mapa emocional do êxodo nordestino”, evidenciando que a linguagem regional funciona como veículo de dor, esperança e denúncia. A oralidade empregada pelo poeta não estiliza o sofrimento: ela o revela com precisão e profundidade, preservando a voz de quem foi historicamente silenciado.

De pena e saudade
papai, sei que morro
meu pobre cachorro
quem dá de comer?
(Assaré, 2006, p. 5).

A voz sertaneja, registrada por Patativa, rompe silenciamentos históricos e reafirma a existência de grupos frequentemente marginalizados. A identidade nordestina, portanto, emerge como princípio estruturador da construção poética.

A musicalidade da obra, analisada por Carvalho (2011, p. 70), reforça essa construção identitária. Em “ABC do Nordeste Flagelado”, o ritmo marcado e a repetição aproximam o texto das tradições orais, preservando elementos de uma ancestralidade que atravessa gerações. Essa cadência faz da poesia uma experiência sensorial que permite ao leitor sentir o sertão por meio da própria sonoridade do poema.

Ao incorporar traços estruturais ligados à performance oral, Patativa transforma a poesia em memória viva do Nordeste. A variação linguística deixa de ocupar posição secundária e passa a orientar a articulação entre estética e resistência. Cada ritmo, cada expressão e cada construção sintática aproximam o texto da experiência coletiva, reforçando a dimensão identitária da obra.

Carvalho (2017, p. 24) evidencia que a produção patativana estabelece diálogo permanente entre lembrança e linguagem ao transformar experiências coletivas do sertão em expressão literária. O registro do falar regional realiza função de preservação cultural e projeta na poesia a memória afetiva de comunidades que compartilham condições de vida semelhantes.

A comparação entre “A Triste Partida”, “O Meu Livro” e “ABC do Nordeste Flagelado” mostra que a língua é manejada pelo poeta como eixo de construção da memória sertaneja. A continuidade rítmica e as repetições remetem à oralidade presente em feiras e encontros populares, permitindo que o cordel atue como meio de transmissão histórica e manutenção de práticas culturais.

A presença de marcas de oralidade em contextos de adversidade, especialmente nas representações da seca, estabelece contraste entre a dureza das condições retratadas e a musicalidade da língua. Tal sobreposição produz efeito simbólico em que dor e esperança se entrelaçam na materialidade verbal. A linguagem torna-se, assim, instrumento de resistência e reforço identitário.

Carvalho (2011, p. 63) afirma que a musicalidade da obra deriva das tradições dos cantadores, aproximando o texto de práticas orais anteriores à literatura impressa. O ritmo funciona como sustentação da dimensão comunitária da poesia, reafirmando a oralidade como traço identitário fundamental.

Tal aspecto manifesta-se de maneira evidente em seus poemas, cujo compasso rítmico remete às cantorias que estruturam o cotidiano sertanejo. A construção sonora aproxima a leitura de uma performance, permitindo que o poema opere como extensão da experiência coletiva e reafirmando a

centralidade da variação linguística na construção simbólica.

O diálogo entre oralidade e escrita intensifica o caráter memorialístico da obra, que passa a funcionar como registro vivo da existência sertaneja. O entrelaçamento entre léxico regional, ritmo e estruturas orais materializa o gesto de afirmação cultural que ultrapassa a esfera estética e consolida a identidade coletiva.

Carvalho (2009, p. 103) demonstra que o regionalismo lexical mobilizado pelo poeta não desempenha apenas função estilística, mas revela valores sociais profundamente vinculados à vida sertaneja. Determinadas escolhas vocabulares iluminam formas de organização comunitária, crenças e práticas cotidianas, aproximando o texto da realidade vivida.

A compreensão desses regionalismos revela que os termos que representam o falar do homem do sertão nordestino, presentes na obra de Patativa, ultrapassam o nível descritivo e expressam modos singulares de interpretar o mundo. O uso dessas palavras acrescenta densidade afetiva ao texto e preserva nuances da comunicação oral que se perderiam se representadas pela norma culta, consolidando, assim, a variação regional como componente essencial da estética patativana.

A valorização de escolhas lexicais vinculadas ao cotidiano rural expressa compromisso com um território historicamente vulnerabilizado, cujas práticas comunicacionais costumam ser estigmatizadas. A centralização da fala sertaneja reverte processos de exclusão, reinserindo essas vozes no espaço literário e reconhecendo sua legitimidade social.

Carvalho (2017, p. 46) destaca que a força de “A Triste Partida” se encontra na capacidade de converter sofrimento coletivo em expressão estética por meio da oralidade. As marcas regionais apresentam não apenas o percurso do migrante, mas também a carga emocional que acompanha esperanças e desalentos, funcionando como preservação da memória afetiva.

A leitura do poema indica que a oralidade não apenas representa o retirante, mas resguarda sua humanidade frente aos deslocamentos forçados. Repetições, ritmos e escolhas lexicais operam como mecanismos de resistência cultural, preservando identidades ameaçadas pelo apagamento histórico.

Feitosa e Feitosa (2019, p. 172) destacam que a articulação entre linguagem e identidade na obra patativana se fundamenta em consciência

política que transforma o cordel em instrumento de crítica social. A oralidade evidencia valores coletivos e valoriza o papel do sertanejo na formação da memória regional.

O uso da fala popular como fundamento poético desestabiliza hierarquias que privilegiam a norma-padrão, afirmando a legitimidade da expressão regional e o direito de existência de suas lógicas comunicativas. Desse modo, o texto converte-se em espaço de resistência cultural e reconhecimento identitário.

A análise conjunta dos cordéis evidencia que a variação linguística constitui elemento central da identidade coletiva representada pelo poeta. A oralidade revela conflitos, desigualdades e contradições históricas, articulando memória, crítica e pertencimento.

Carvalho (2011, p. 73) enfatiza que o ritmo que organiza a obra dialoga com práticas tradicionais de narradores orais, consolidando a poesia como voz comunitária. A musicalidade demonstra que identidade e variação compõem procedimentos de construção poética que vinculam língua e território.

A análise dos poemas evidencia que a variação linguística ocupa papel central na construção da identidade nordestina na obra de Patativa do Assaré. Por meio da oralidade, dos regionalismos e das estruturas próprias da fala sertaneja, o poeta transforma a linguagem popular em instrumento de representação cultural e crítica social.

A identidade nordestina na obra patativana não se limita à temática ou à ambientação regional. Ela constitui um princípio estético, político e cultural presente em “O Meu Livro”, “Doutor Raiz”, “Cante Lá, Que Eu Canto Ca”, “A Triste Partida” e “ABC do Nordeste Flagelado”. A valorização da fala popular reafirma a dignidade do sertanejo e amplia a presença de vozes historicamente marginalizadas no espaço literário. Dessa forma, Patativa do Assaré converte a língua do povo em instrumento de memória, pertencimento e resistência cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da obra de Patativa do Assaré evidencia que a variação linguística, em sua poesia, transcende a simples caracterização regional para se consolidar como o próprio alicerce de sua identidade literária e política. Ao longo deste trabalho, ficou demonstrado que a língua não é um sistema engessado, mas um organismo vivo que reflete as condições sociais, históricas e culturais de seus falantes.

Por meio do estudo dos poemas “O Meu Livro”, “Doutor Raiz”, “A Triste Partida” e “ABC do Nordeste Flagelado”, foi possível constatar que Patativa utiliza as variações diatópica, diastrática e diafásica de forma consciente e magistral. Expressões como “riba d'uma mesa”, “dô” e “caboco” não representam desvios ou empobrecimento vocabular. Pelo contrário, são escolhas estéticas que preservam a sonoridade do sertão, conferem autenticidade à narrativa e aproximam o texto da experiência cotidiana do homem nordestino.

Além disso, a pesquisa confirmou que o cordel patativano atua como um poderoso instrumento de combate ao preconceito linguístico. Ao elevar o “português do sertão” ao status de arte, o poeta quebra a hierarquia que privilegia exclusivamente a norma-padrão e o saber acadêmico. Ele prova que a fala popular possui estrutura, coerência, beleza e, sobretudo, capacidade de articular críticas sociais profundas sobre a seca, a migração forçada, a desigualdade e o charlatanismo.

Conclui-se, portanto, que a poética de Patativa do Assaré é, simultaneamente, um mapa emocional e um documento histórico de resistência. Ao dar voz aos marginalizados utilizando a própria língua do povo, o poeta não apenas preserva a memória coletiva do Nordeste, mas transforma a variação linguística em um ato de dignidade e cidadania. Sua obra reafirma que respeitar as diferentes formas de falar é, em última instância, respeitar o direito de existir e de ser ouvido na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Silvana Militão de. O léxico regional e o prestígio social das palavras. In: CARVALHO, Gilmar de (org.). **Patativa em sol maior: treze ensaios sobre o poeta pássaro**. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p.79-92.

ASSARÉ, Patativa do [Antônio Gonçalves da Silva]. **Cordéis e outros poemas**. Fortaleza: Edições UFC, 2006. (Coleção Literatura no Vestibular, N.10).

ASSARÉ, Patativa do [Antônio Gonçalves da Silva]. **Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

CARVALHO, Francisco Gilmar Cavalcante de. **Patativa do Assaré: pássaro liberto**. Fortaleza, CE: Museu do Ceará, 2011. 176 p. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/47499>. Acesso em: 23 abr. 2026.

CARVALHO, Francisco Gilmar Cavalcante de. **Patativa do Assaré: uma biografia**. Fortaleza, CE: Expressão Gráfica e Editora, 2017. 104 p. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/47549>. Acesso em: 23 abr. 2026.

CARVALHO, Gilmar de (org.). **Patativa em sol maior: treze ensaios sobre o poeta pássaro**. Fortaleza: Edições UFC, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/49998/1/2009_liv_fgccarvalho.pdf. Acesso em: 23 abr. 2026.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2006.

FEITOSA, Nabucodonosor Alves; FEITOSA, Nabupolasar Alves. Patativa: poeta histórico e universal. In: BRITO, Antonio Iraldo Alves de; PINHEIRO, Maria do Socorro. **Um sertão encantado: homenagem aos 110 anos de Patativa do Passaré**. São Paulo, SP: Árvore Digital Editora, 2019. p. 167-182. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/48247>. Acesso em: 23 abr. 2026.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

Patativa do Assaré: análise dos poemas. Disponível em: <https://www.calameo.com/books/0029862772464dffaf32e>. Acesso em: 26 maio 2026.

PAULISTA, Maria Lúcia Loureiro. Variação linguística: primórdios, conceitos e metodologia. **Revista Ecos**, Cáceres, v. 21, n. 2, p. 157–177, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/1871>. Acesso em: 22 mar. 2026.

ROCHA, Maiane dos Santos e CORBANI, Clair Terezinha. **A variação linguística no brasil e o preconceito que seus falantes enfrentam.** Repositório Institucional Uninter, Curitiba-PR, 2021, 17 p. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/>. Acesso em: 22 mar. 2026.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** 7. ed. São Paulo: Ática, 2005. 96 p. (Série Princípios).